

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NO PENSAMENTO POLÍTICO-TEOLÓGICO CATÓLICO: A
TEMÁTICA DA GERAÇÃO DA VIDA NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES**

**LA EDUCACIÓN SEXUAL EN EL PENSAMIENTO POLÍTICO-TEOLÓGICO CATÓLICO:
LA TEMÁTICA DE LA GENERACIÓN DE LA VIDA EN LA EDUCACIÓN SEXUAL DE
NIÑOS Y ADOLESCENTES**

**SEX EDUCATION ACCORDING TO CATHOLIC POLITICAL-THEOLOGICAL THOUGHT:
THE THEME OF REPRODUCTION IN SEX EDUCATION AIMED AT CHILDREN AND
TEENAGERS**

**L'ÉDUCATION SEXUELLE DANS LA PENSÉE POLITICO-THÉOLOGIQUE
CATHOLIQUE : LA THÉMATIQUE DE LA GÉNÉRATION DE LA VIE DANS L'ÉDUCATION
SEXUELLE DES ENFANTS ET ADOLESCENTS**

DOI: 10.5533/1984-2503-20124105

Anna Marina Barbará Pinheiro¹

RESUMO

No presente trabalho, temos como objetivo analisar algumas reflexões acerca da sexualidade a partir da temática da geração da vida na educação sexual de crianças e adolescentes, elaboradas por dois intelectuais ligados a Igreja Católica-romana no segundo pós-guerra; André Berge; intelectual francês com formação nas áreas de psicologia, educação, filosofia e letras que, por ocasião da publicação de “A Educação Sexual e Afetiva”, pela Livraria Agir, no final dos anos de 1960 - dirigia a parte médica do Centro Psico-pedagógico Claude Bernard; e Gerald Kelly; jesuíta norte-americano ligado ao Instituto de Educação Religiosa, que, na convenção de 1940 do Instituto, seria designado, juntamente com mais dois de seus membros - Pe. Benjamim R. Fulkerson S. J., A. M., S. T. L., do Departamento de Religião da Universidade de Saint Louis (S. J. Louis, Missouri) e Pe. Clarence F. Whitford, S. J., A. M., Phd do Departamento de Filosofia da Universidade de Marquette (Milwaukee, Wisconsin) – a

¹ Professora Adjunta do Departamento de Ciência Política da UFRJ. É coordenadora do Laboratório de Estudos de Gênero (LEG/UFRJ). E-mail: annapin09@gmail.com

elaborar um livro que “atendesse às necessidades intelectuais e práticas” de rapazes e moças no início dos estudos universitários e versasse, sobre a castidade, notadamente a extramatrimonial, por tratar-se de um público majoritariamente não-casado. O livro intitulou-se, “Juventude, Sexo e Moral”, e foi publicado no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em co-edição com a Livraria Agir, em meados dos anos de 1950.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, Igreja Católica.

RESUMEN

En este trabajo, tenemos por objetivo analizar algunas reflexiones sobre la sexualidad a partir de la cuestión de la generación de la vida en la educación sexual de los niños y adolescentes, desarrolladas por dos intelectuales vinculados a la Iglesia Católica Romana en la segunda postguerra. André Berge, intelectual francés de formación en psicología, educación, filosofía y letras que, durante la publicación de *La Educación Sexual y Afectiva* por la “Livraria Agir” a fines de los años 1960, dirigía la parte médica del Centro Psicopedagógico Claude Bernard; y Gerald Kelly, jesuita norte-americano afiliado al Instituto de Educación Religiosa que, en la Convención de 1940 del Instituto, sería designado en conjunto con más dos de sus miembros – Ver. Benjamin R. Fulkerson S. J., A. M., S. T. L., del Departamento de Religión de la Universidad de Saint Louis (S. J. Louis, Missouri) y el Reverendo Clarence F. Wtford, S.J., A. M., Phd del Departamento de Religión de la Universidad de Marquette (Miwaukee, Wisconsin) – a producir un libro que “respondiera a las necesidades intelectuales y prácticas” de niños y niñas en los primeros estudios universitarios y versara acerca de la castidad, sobre todo fuera del matrimonio, por tratarse de un público, en su mayoría, de solteros. El libro se intitula *Juventud, Género y Moral*, fue publicado en Brasil por la Universidad Católica de Río de Janeiro en copublicación con la “Livraria Agir” a mediados de los años 1950.

Palabras-clave: género, sexualidad, Iglesia Católica.

ABSTRACT

The objective of the present study is to analyse reflections on sexuality based on the theme of reproduction in sex education aimed at children and teenagers by two post-World War II

intellectuals linked with the Roman Catholic Church. The first is André Berge, a French intellectual operating in the fields of psychology, education, philosophy and literature who was head of the medical section of the Claude Bernard Psychoeducational Centre when Livraria Agir published "Sexual and Affective Education" at the end of the 1960s. The second is Gerard Kelly, a North-American Jesuit linked to the Religious Education Institute, who was assigned under the institute's 1940 convention to complete a book which "would meet the intellectual and practical needs" of young people beginning their university studies, along with two other members, Benjamin R. Fulkerson, from the Department of Religion at the University of Saint Louis (Missouri) and Clarence F. Whitford, PhD from the Department of Philosophy at the University of Marquette (Milwaukee, Wisconsin). The book also discussed chastity, notably of the extramarital variety, as its audience was mainly unmarried. It was entitled "Youth, Sex and Morals" and was published in Brazil by Rio de Janeiro Pontifical University and Livraria Agir in the middle of the 1950s.

Key words: gender, sexuality, Catholic Church.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, notre objectif est d'analyser certaines réflexions autour de la sexualité à partir de la thématique de la génération de la vie dans l'éducation sexuelle des enfants et des adolescents, élaborées après la Seconde Guerre mondiale par deux intellectuels liés à l'Église catholique romaine. Tout d'abord, André Berge, un intellectuel français des domaines de la psychologie, de l'éducation, de la philosophie et des lettres, qui, à l'occasion de la publication au Brésil de *L'Éducation sexuelle et affective*, par la librairie Agir à la fin des années 1960, dirigeait le Centre psychopédagogique Claude Bernard. Puis Gerald Kelly, un jésuite nord-américain lié à l'Institut d'éducation religieuse qui, lors de la convention de 1940 du même institut, sera désigné, conjointement avec deux autres de ses membres, Benjamin R. Fulkerson, du Département de religion de l'Université de Saint Louis (Missouri) et Clarence F. Whitford, Docteur du Département de philosophie de l'Université de Marquette (Milwaukee, Wisconsin), pour élaborer un ouvrage qui « répond aux besoins intellectuels et pratiques » des jeunes gens entrant à l'université, traitant de chasteté, notamment extra-matrimoniale étant donné qu'il s'agissait d'un public pour la plupart encore non lié par les liens du mariage. Le livre intitulé en portugais *Juventude, Sexo e Moral* (Jeunesse, sexe et morale) sera publié

au Brésil par l'Université catholique Rio de Janeiro, en coédition avec la librairie Agir, au milieu des années 1950.

Mots-clés : genre, sexualité, Église catholique.

Neste trabalho, temos como objetivo, analisar algumas reflexões acerca da sexualidade a partir da temática da geração da vida na educação sexual de crianças e adolescentes, elaboradas por um conjunto de intelectuais ligados a Igreja Católica-romana no segundo pós-guerra.

Iniciando nossa análise pela obra de André Berge; intelectual francês com formação nas áreas de psicologia, educação, filosofia e letras que, por ocasião da publicação do volume em questão, dirigia a parte médica do Centro Psico-pedagógico Claude Bernard; identificamos logo no prefácio a colocação de uma discussão acerca da educação sexual:

*(...) Os educadores de outrora salientavam, de preferência, o **aspecto negativo e perigoso da sexualidade**, em vez de pensar em fazê-la cooperar na construção da pessoa humana. (...) Os termos '**sexual**' e '**afetivo**'(...) designam dois terrenos que se interpenetram. Digamos que a sexualidade sustém toda a afetividade, mas, no ser humano a afetividade ordena a sexualidade: dá-lhe valor e significação. Preocupando-nos com a '**educação sexual e afetiva**', tivemos sempre em mira o **desenvolvimento salutar do ser integral**, levando em conta, tanto a sua **realização pessoal** como a sua **integração social** (...)².*

Anunciando a um só tempo sua concepção acerca da sexualidade como importante dimensão de realização existencial e afetiva, e da educação como um processo multifacetado e intrinsecamente relacionado à construção da identidade individual (percebida como saúde do "ser integral") e coletiva (percebida como a "integração" deste ser na sociedade), o autor, que escreve diretamente para os pais, prossegue no corpo do livro, abordando a questão da sexualidade e; especificamente, da educação sexual; nesta dupla dimensão, positiva e negativa.

Sendo assim, no item em que trata do modo pelo qual os pais deveriam responder às curiosidades sexuais da criança, o aspecto negativo da sexualidade aparece quando o autor menciona o constrangimento dos mesmos no exercício desta função:

² Bergé, André (1968). *A Educação Sexual e Afetiva*, R J: Agir, Coleção Família 2.

(...) Se tantos pais se sentem constrangidos para responder às perguntas que a criança (...) lhes faz, é, sem dúvida, porque, embora confusamente, ainda consideram como uma coisa vergonhosa a sua vida sexual, embora seja a mais legítima possível (...).

É esse constrangimento, acreditamos que deturpa a atitude dos educadores e os impede de encontrar (...) as fórmulas mais amplas que tranqüilizariam o jovem interlocutor (...).

É preciso, portanto, saber falar à criança (...) sem constrangimento; explicar-lhe em termos acessíveis tudo quanto ela deseja saber e ensinar-lhe a refletir tão livremente sobre esses problemas como sobre outros quaisquer.³

Observa-se assim, a opção do autor pela informação normatizadora (exata, clara e dada no momento certo), em detrimento da repressão (representada pelo silêncio), enquanto instrumento pedagógico fundamental à educação sexual, idéia que permeará todo o seu livro. Tal opção aparece de forma muito clara, por exemplo, nas explicações que Bergé recomenda serem dadas à criança acerca da geração da vida:

*(...) Quando ela (a criança) ousa falar, começa geralmente por perguntar: ‘Donde vêm as crianças?’ (...) É fácil fazê-la compreender que os bebês de todas as espécies crescem primeiro no interior das mães. E se for necessário especificar ainda mais, explicar-se-á que **as senhoras possuem uma espécie de bolsa que já existe no corpo da menina – e é por isso que a menina não é feita como o menino** (...).*

Certas mães acham estarem próximas da verdade, afirmando que antes do nascimento o bebê ‘está dentro do coração das mães’. Para quem tem uma noção ainda que insignificante do que é um coração, essa fantasia pseudo-sentimental não pode deixar de ser um pouco perturbadora (...).⁴

É interessante notar os múltiplos processos que informam a construção do texto pelo autor. Assim, se por um lado, Bergé dá conta de informações técnicas e sugere aos pais que, para explicar a reprodução humana a seus filhos estabeleçam comparações entre a mesma e a reprodução de outras espécies de animais e até de plantas, por outro, realiza a discussão sobre a importância da informação na educação sexual (muito cara à teologia católica desde os seus primórdios) à qual nos referíamos e, numa terceira dimensão do discurso vai, aos poucos, construindo as representações ideológicas de homem e mulher com que trabalhará ao longo do livro, acrescentando-lhes novos elementos à medida que outras temáticas relativas à sexualidade forem se acrescentando à temática da geração da vida.

Retomando a discussão sobre o lugar da gestação na explicação a ser dada aos filhos, Bergé sublinha a importância dos pormenores no âmbito da mesma, já que: “(...) a menor idéia falsa pode levar a imaginação para caminhos aberrantes o que prejudicaria o

³ Ibidem, p.71.

⁴ Ibidem, p. 71-79.

*equilíbrio afetivo (da criança). A exatidão nunca será demasiada (...) e não se deve evitar nenhuma interrogação(...)*⁵.

Quanto à construção de gênero realizada pelo autor deve-se, inicialmente, atentar para a identificação no interior de seu pensamento entre feminilidade e maternidade por um lado, e masculinidade e paternidade, por outro. Assim, a primeira referência à maternidade localizada no texto, entendendo-a ainda, apenas como a capacidade feminina de procriar, lhe atribui a função de valorização da mulher, identificando-a, portanto, como um atributo que, simultaneamente, define a condição feminina e lhe auferir prestígio, como podemos verificar na seguinte passagem:

*(...) Essa primeira informação (sobre o lugar que existiria no corpo da mulher para a gestação de seus futuros filhos, diferenciando-a do homem) ⁶ tem a vantagem de realçar, justamente o valor da menina aos olhos do menino, como a seus próprios olhos (...).*⁷

Avançando na discussão sobre as diferenças sexuais à medida que caminha no detalhamento do processo de fecundação, Bergé definirá a paternidade como um estado em que já se “(...) *tem bastante força para trabalhar, ganhar a vida da família e defender os filhos (...)*” e seguirá mantendo a definição de maternidade circunscrita a um conjunto de potencialidades de ordem biológica. Assim, para poder ser mãe, o autor afirmará ser preciso que a menina esteja suficientemente crescida e seus seios tenham se desenvolvido “(...) *para que ela possa dar leite ao pequenino*”⁸.

Por fim, o passo subsequente que encerra a descrição do ato da fecundação será aquele em que o autor procura auferir-lhe sentido, identificando-o como um ato de amor:

*(...) É uma força extraordinária que impele (...) o homem e a mulher um para o outro, dando-lhes **vontade de se aproximarem e de se casarem**; essa força poderosíssima chama-se **amor**: E é nas carícias que trocam os que se amam, é num impulso de ternura mútua, que se produz essa ‘fecundação’ muito semelhante à que acontece nas plantas (...). **O filho é uma obra do amor comum, é uma prova do amor de seus pais** (...).*
*É bom que ele não conceba a aproximação de seus procriadores nem como uma espécie de aproximação quase (...) cirúrgica, nem como **um prazer egoísta** dos adultos, donde o seu pensamento teria sido completamente excluído (...).*⁹

⁵ Ibidem.

⁶ Parênteses nossos.

⁷ Bergé, A. (1968). Op. cit.

⁸ Ibidem, p.81.

⁹ Ibidem.

Nesta passagem em que amor e atração sexual confundem-se; a concepção de sexualidade de Bergé adquire maiores contornos, ora aproximando-se, ora afastando-se da concepção católica mais tradicional. Ao identificar amor e atração sexual, o autor inverte a operação intelectual característica do pensamento católico que trabalha no sentido de dessexualizar o amor. Tomando, por outro lado, o desejo sexual como “desejo de se casar”, circunscreve o exercício da sexualidade à esfera do casamento, de forma análoga a que faz a Igreja. E, ao qualificar o prazer sexual como egoísta, caso não contemple o desejo de ter filhos, acaba assumindo uma concepção de sexualidade, basicamente procriativa, bem semelhante à católica.

Na obra do jesuíta norte-americano Gerald Kelly, as discussões precedentes assumem dimensões um tanto diferenciadas. A discussão sobre a importância da informação sexual, por exemplo, aparece na abordagem de outra temática, a da menstruação na educação sexual das meninas. Kelly assim, afirmará ser:

(...) coisa notável que muitas mães dizem pouco ou mesmo nada a suas filhas a respeito da menstruação e em consequência disso algumas meninas ficam completamente assustadas com o que deveria ser tomado como uma ocorrência fisiológica perfeitamente normal¹⁰.

Teólogo moralista ligado ao Instituto de Educação Religiosa, o autor, na convenção de 1940 do Instituto, é designado, juntamente com mais dois de seus membros¹¹, a elaborar um livro que “atendesse às necessidades intelectuais e práticas” de rapazes e moças no início dos estudos universitários e versasse, sobre a castidade, notadamente, a extramatrimonial, por tratar-se de um público majoritariamente não-casado.

Em função de tais objetivos editoriais, a discussão sobre a sexualidade que se realiza no livro, encontra-se circunscrita à idéia católica de castidade, assim como a todas as outras que lhes são correlatas (amizade, “camaradagem entre os sexos” e amor). Desta forma, o caráter dual do fenômeno percebido como, simultaneamente positivo e negativo, presente na obra de outros autores (André Bergé, por exemplo), perde ênfase, ganhando relevo o fato do mesmo pertencer, a um só tempo, à ordem divina e à ordem da natureza.

¹⁰ Kelly, Gerald S. J. (1956). *Juventude, Sexo e Moral*, 3ª Ed., col.: Servir, Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora, p.63.

¹¹ Pe. Benjamim R. Fulkerson S. J., A. M. , S. T. L., do Departamento de Religião da Universidade de Saint Louis (S. J. Louis, Missouri) e Pe. Clarence F. Whitford, S. J. , A. M., Phd do Departamento de Filosofia da Universidade de Marquette (Miwaukee, Wisconsin).

Efetuada operação semelhante a que realizou St.º Agostinho por ocasião da incorporação de aspectos da filosofia platônica à teologia católica, tendo em vista racionalizar dogmas fundamentais a esta religião, assim como a própria idéia de Deus, Kelly, parece ter como um de seus principais objetivos o de inscrever o fenômeno da sexualidade na ordem divina, acrescentando a idéia católica de Deus à percepção do fenômeno como natural. Assim, ao abordar a temática da geração da vida, falará em “plano divino da reprodução” e, identificando sexo com reprodução afirmará:

(...) Somente quando percebemos todo o sentido da geração humana podemos compreender porque Deus nos criou homens uns, e outros mulheres, porque fez nossos corpos tão diferentes, porque dotou a cada um particularmente com as características necessárias para a maternidade ou a paternidade, e porque nos deu aquela forte atração mútua (...) Deus poderia ter estabelecido um mundo em que ele criasse cada ser humano, alma e corpo. Nesse caso, não haveria necessidade de sexo e de suas características concomitantes. Poderíamos todos ter o mesmo tipo de corpo, e o ponto máximo de nossas relações seria a simples amizade. (...) Deus estabeleceu a presente ordem das coisas. Estabeleceu um sistema de reprodução que requer a colaboração de pais humanos (...)¹².

Nesta perspectiva de apreensão da sexualidade como um fenômeno de determinação divina e natural, a parte que cabe aos seres humanos é percebida apenas como “colaboração” e, mesmo nesta parte, o autor sublinha a presença de Deus:

(...) Porque foi Deus quem nos deu, como a pais potenciais, uma faculdade generativa, foi Deus quem ligou ao uso dessa faculdade um especial prazer físico, foi Deus quem deu um forte apetite para o gozo desse prazer. Alguma coisa de cada um desses três elementos há de servir (...) para indicar como eles se ajustam ao plano divino¹³.

Cabe detalhar um pouco mais a aproximação que sugerimos entre a interpretação fornecida pelo autor acerca da sexualidade e a apropriação agostiniana do pensamento platônico. Enquanto Sto. Agostinho apropria-se de aspectos da filosofia platônica no sentido de conciliá-los às “verdades reveladas pela fé cristã” e assim, dotá-las de maior eficácia visando à construção da hegemonia da Igreja enquanto instituição política, Gerald Kelly, orgânico à mesma instituição vivendo um outro momento de sua história, busca inscrever a percepção da sexualidade como fenômeno natural, já bastante recorrente no século em que vive, à cosmovisão católica no sentido de torná-la mais palatável ao público jovem para o qual sua obra se destina.

¹² Kelly, Gerald S. J. (1956). Op. cit, p. 53.

¹³ Kelly, Gerald S. J. (1956). Op. cit, p.65.

Importa sublinhar, entretanto, que neste processo, o autor abandona, parcialmente, a percepção agostiniana acerca da sexualidade e avança em relação a ela. No cerne desta percepção encontra-se a identificação do pecado por Sto. Agostinho como transgressão da lei divina e do primeiro pecado cometido pela humanidade como intrinsecamente relacionado ao sexo.

Segundo Uta Ranke Heinemann¹⁴, Sto. Agostinho herdou o desprezo pelo sexo que permeia a obra dos padres da Igreja, tanto antes quanto em seus dias, e a ele agregou um novo fator: “uma ansiedade sexual pessoal e teológica”. Associou a transmissão do pecado original, que desempenha um papel decisivo em seu sistema de redenção, com o prazer da relação sexual.

De acordo com Agostinho, quando Adão e Eva desobedeceram a Deus e comeram o fruto proibido do paraíso, “sentiram vergonha e cobriram o sexo com folhas de figueira”. Conclui desta passagem que “eis de onde vem”. Para Heinemann, ele quer dizer com isso que, o que ambos tentavam esconder era o lugar através do qual o primeiro pecado havia sido transmitido. Assim, para o autor, a relação sexual, ou mais especificamente o prazer que dela emana, constituiria o “elo transmissor” do pecado original continuamente, de geração a geração, e a única pessoa gerada e concebida sem pecado em toda a humanidade teria sido Cristo. Esse elo entre prazer e pecado só seria oficialmente abandonado pela Igreja no século dezenove. Em função disso, a “Imaculada Conceição” - que se refere à concepção de Maria por sua mãe, sem pecado original – e que só passa a ser considerado um dogma católico a partir de 1854.

Heinemann credita em parte, o pessimismo sexual do autor à aspectos de sua biografia. Segundo a autora, Agostinho preparou-se para a conversão rejeitando, aos 29 anos, a mulher com quem vivera por 12 anos, e que lhe havia dado um filho, Adeodato (= dado por Deus), quando tinha apenas 17 anos. Ficou com o menino, mandando embora a mulher que mesmo assim, lhe jurou fidelidade.

No curso desta relação, Agostinho praticou, de forma rigorosa, a contracepção, observando os dias de infertilidade da companheira, embora tivesse frustrado sua vigilância com um erro de cálculo que resultou no nascimento de Adeodato. A prática da contracepção

¹⁴ A partir deste momento passaremos a resumir a interpretação fornecida pela autora acerca da concepção agostiniana de gênero e sexualidade em: Heinemann, Uta Ranke (1996). *Eunucos pelo Reino de Deus, mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*, RJ: Record: Rosa dos Tempos.

neste contexto, explica-se, em parte, pela indisposição de Agostinho quanto a se casar com uma mulher que não pertencia a sua classe social. Após a conversão, sua consciência arrependida face à própria traição em relação à amante tornou-se desprezo pelo amor sexual em geral. Culpado como, provavelmente se sentiu, tendeu a deslocar a culpa de si mesmo para o “prazer maligno” do ato sexual. A moralidade sexual pessimista de Agostinho é, portanto, identificada pela autora como “(...) *uma repressão de sua consciência sexual arrependida, sua aversão às mulheres uma revelação contínua da causa responsável por seu próprio fracasso (...)*”¹⁵.

Quanto à teoria formulada pelo autor sobre a transmissão do pecado original, importa determo-nos na reflexão que a mesma traz consigo acerca da existência ou não de relações sexuais no paraíso. No final de sua vida Agostinho conclui que, mesmo no Éden a reprodução ocorria através do sexo. Tal conclusão decorre da dificuldade do autor em atribuir à mulher qualquer outra função que não a procriação. Se a mesma foi criada por Deus para ajudar ao homem; para que exatamente, ela serviria senão para procriar, já que, em todas as demais atividades – o cultivo da terra, companhia na solidão – outro homem seria de maior serventia?

Admitida a existência de sexo no paraíso, restava ainda, pensar sobre o prazer neste tipo de relação, haveria prazer no paraíso? A resposta de Agostinho será negativa. Antes da queda os homens tinham total controle sob seus corpos, e os órgãos sexuais eram “servos obedientes da humanidade”, de forma análoga aos demais órgãos do corpo humano.

Nesta perspectiva, o desejo sexual é identificado como punição pelo pecado da desobediência. Como desobedeceu à Deus, o homem não conseguiria mais obedecer a si próprio. O castigo pela queda teria assim, incidido, prioritariamente sob a esfera da sexualidade. Estava, portanto, estabelecido pela hierarquia celibatária da Igreja que “o lócus por excelência do pecado estava no sexo”.

Retomando a análise do pensamento de Gerald Kelly deparamo-nos com duas asserções do autor acerca da atração sexual entre homens e mulheres que nos remetem a Sto. Agostinho. A primeira constitui-se, na verdade, numa indagação sobre os motivos divinos que teriam levado à criação do prazer sexual: “Deus poderia ter criado seres de corpos indiferenciados que tivessem como ponto máximo de suas relações a amizade, então,

¹⁵ Ibidem, p. 92.

por que o prazer sexual?” A resposta dada pelo autor não é tão negativa quanto a agostiniana que concebe o prazer como punição divina à desobediência de Adão e Eva, mas o simples movimento de tentar imaginar como seria a reprodução humana sem o sexo revela uma desconfiança em relação à ele, assim como ao prazer que dele emana.

Kelly acaba por concluir que a associação por Deus, da “faculdade generativa” nos seres humanos a um “especial prazer físico”, que vem acompanhado de um “forte apetite para gozá-lo”, só pode ser vista como necessária. Faz parte do plano divino que assim seja, é o máximo da explicação que o autor consegue elaborar.

Outro aspecto que chama a atenção em sua análise e também está relacionado à cosmologia católica é a idéia de alma que defende e as repercussões desta idéia em sua percepção acerca da sexualidade. Afirmando que:

*(...) No momento da concepção, o ser vivo, formado no corpo da mulher (...), é verdadeiramente um ser humano, com os direitos de um ser humano, e a dignidade de um ser humano, com uma alma imortal formada à imagem de Deus, e destinada a receber a vida sobrenatural de Cristo e a viver eternamente unida com a santíssima Trindade (...)*¹⁶.

Kelly acrescenta, não apenas ser absurdo, como ainda, anticristão e inumano, falar em ciência da reprodução humana e ignorar completamente a alma, e, desta forma, mais uma vez enfatiza o caráter procriativo da sexualidade, manifestando-se contrariamente à contracepção e, principalmente, ao aborto. O contexto norte-americano do início dos anos de 1940, provavelmente explica esta postura do autor.

No livro do educador francês Jean Violett, publicado pelas Edições Paulinas em 1961, reencontramos a idéia católica de alma inserida na discussão sobre educação sexual aqui referenciada.¹⁷ Assim, logo no prefácio afirma-se que:

*(...) Nenhum educador contesta a necessidade da educação sexual e sentimental (...). O importante da questão, porém, é saber a quem compete fazer essa educação e a maneira de proceder. Alguns pretenderam que deveria ser efetuada na escola por professores qualificados ou médicos. Os pais revoltaram-se à idéia de que **o mais delicado e importante problema da formação moral de seus filhos** fosse tratado (...), diante de crianças ou adolescentes de moralidade variável e, na maioria das*

¹⁶ Ibidem, p. 57.

¹⁷ Viollet, Jean (1961). *Educação do pudor e do sentimento*, SP: Paulinas.

vezes, unicamente sob o ponto de vista fisiológico e higiênico. Viram aí, e com razão, um **grave perigo para a alma de seus filhos (...)**¹⁸.

Embora o livro não traga quaisquer informações sobre a relação existente entre o autor e a Igreja Católica, nem sobre sua formação profissional ou “estado de vida”, aparecendo apenas a indicação de que seria educador; traz consigo, além da idéia católica de alma, o pessimismo sexual cristão, presente na identificação da sexualidade como “o mais delicado e importante problema” da formação moral de crianças e adolescentes e na enunciação dos “perigos para a alma” que uma educação sexual indevida poderia ocasionar, manifestos na seguinte indagação do autor: “(...) *Como agir e o que dizer para não perturbar as jovens imaginações e **manter** no seu coração o respeito pelos pais, diante de revelações facilmente perturbadoras?(...)*”¹⁹.

Nesta perspectiva em que as informações sobre o funcionamento da sexualidade humana, mesmo as mais básicas, são tidas como capazes de por a perder o respeito dos pais pelos filhos, torna-se necessário, detalhar ao máximo a maneira de ministrá-las. De modo que o capítulo em que o autor se dedica a tal função, assume a estrutura de um conjunto de exemplos de conversas entre pais e filhos, agrupadas por temas (geração da vida, puberdade, amor...) e pela faixa etária do público ao qual se direcionam. Assim, por exemplo, a temática da geração da vida, será abordada da seguinte forma quando se tratar da explicação a ser dada a uma criança entre 7 e 10 anos, por seus pais:

(...) Seu filho preocupa-se em saber como virá ao mundo o irmãozinho que a mamãe espera. (...) Dirigi-se primeiramente à mãe (...) Esta não o engana, e lhe dá explicações desse teor:

“Sabias que antes de ser um bebê, (...) a criancinha é semelhante a um pequenino germe, (...) impossível de se ver a olho nu? (...)”.

Mas Deus não podia, permitir que esse grãozinho fosse lançado em qualquer lugar sobre a terra, pois ele se perderia e fatalmente morreria. (...) Mas, principalmente (...) este grãozinho tem a necessidade de ser amado por um coração de mãe.

‘Onde pensas então, que o bom Deus o colocaria?’

Esponaneamente, a criança exclamará: ‘no coração das mães’.

E a mãe responderá:

‘Sim é no coração das mães, ou melhor, pertinho do seu coração, que o bom Deus coloca as criancinhas, às quais quer dar vida. É lá que durante nove meses, elas o guardam preciosamente, alimentando-as de seu amor e de seu próprio sangue, até o dia em que, bastante fortes, possam ver a luz do dia.

Foi assim que Deus te confiou a mim. Enquanto te trazia em meu seio, causaste-me muitos mal estares e fadigas. Suportei tudo com alegria porque já amava muito o bebezinho que Deus me confiava. Para que nascesses em boas condições e que desde cedo te inclinasses a fazer o bem, apliquei-me a não ter para ti senão desejos

¹⁸ Ibidem, p. 5.

¹⁹ Ibidem.

de perfeição durante o tempo que tu e eu éramos um só. Sabia que o dia em que te separarias de mim, meu corpo passaria grandes dores e riscos a ponto de colocar minha vida em perigo. Mas, de antemão, aceitaria todos os sofrimentos, pronta a tudo suportar pelo filho que eu já amava mais do que a mim mesma.

Quando vieste ao mundo, sofri tanto que pensei morrer. Fiquei doente durante quarenta dias. Mas tudo me parecia leve, comparado à alegria de ter um filho, certa de que um dia ele seria um homem bom e perfeito. Este filho és tu, hoje eu o possuo, (...) Compreendes agora porque meu amor por ti é mais forte que todo outro amor, e que a própria morte não pode mais separar-nos? Só tenho um desejo, é que o meu filho nunca pratique o mal. Meu único receio é que ele não compreenda suficientemente a grandeza do amor que lhe dedico e que não empregue todos os seus esforços para se tornar cada dia melhor'.

- *'Minha querida mãezinha, como tudo isso é bonito e como te quero bem! Hei de me esforçar para que fiques sempre contente comigo! (...)*

Do ponto de vista fisiológico as informações são extremamente confusas e nada convincentes, o que revela que, apesar do relativo consenso entre os pensadores católicos no início dos anos de 1960 quanto à necessidade da educação sexual, ainda havia muita dificuldade em instruir os pais à ministrá-la.

Importa notar que a explicação que Violetta sugere ser dada às crianças acerca do lugar no corpo da mulher que se destina à gestação é, precisamente, aquela que André Bergé critica em seu livro. Avanço na visão católica acerca da educação sexual que, talvez, se explique apenas pelo contexto de produção de cada uma das obras (a publicação de Violetta é de 1961 e a de Bergé de 1968), já que a vinculação de ambos os autores à Igreja parece ser semelhante (Bergé é pensador leigo e não tem formação na área de teologia e Violetta é referendado apenas como educador).

Do ponto de vista subjetivo, a maternidade é idealizada em função do sofrimento inerente à gestação e ao parto. Projeta-se assim, sobre a criança, uma enorme culpa (pelo sofrimento causado à mãe antes de nascer), que vem acompanhada de pesadas expectativas acerca de si própria: deve ressarcir a mãe do sofrimento que lhe causou, procurando ser perfeita.

De onde viria esta imagem de mulher-mãe "heroicizada" pelo sofrimento decorrente das dores e riscos do parto. Quais seriam as matrizes teórico-políticas desta concepção de maternidade?

Segundo Ângela Mendes de Almeida²⁰ com a elaboração da teoria agostiniana do pecado original no início da Era Cristã e hegemonização da mesma ao longo do período medieval surge no Ocidente uma imagem de mulher-mãe marcada pela negatividade.

²⁰ Almeida, Angela Mendes de (1996). *Mães, esposas, concubinas e prostitutas*, Seropédica: EDUR.

Percebida como a transmissora do pecado original para a criança, um ser ao qual também não se dava muita importância, a mãe cristã teria como única possibilidade de redenção no interior da visão católica de mundo, o mito de Maria.

Tal mito, entretanto, se enaltecia a maternidade, a esvaziava de todo conteúdo sexual, já que a mãe santificada era apenas aquela que havia concebido sem atividade sexual alguma. Separando de forma dicotômica maternidade de sexualidade, o mito não tinha, portanto, nenhuma condição de resultar na revalorização do exercício do papel de mãe, uma vez que, para as mulheres de carne e osso, a maternidade só era possível através do intercuro sexual.

Sendo assim, a autora demonstra que, do início da Era Cristã ao fim do século XVIII, sempre que se produziram brechas na cultura ocidental de direção masculina para revalorização do feminino, a questão da maternidade foi posta de lado. Tal é, por exemplo, o caso da discussão sobre a igualdade entre os sexos que se depreende do movimento iluminista, no final do século XVIII.

O amplo movimento de secularização do mundo que tem seus antecedentes no Renascimento e precede as revoluções burguesas do século XVIII, intensifica o processo de construção da idéia de indivíduo, iniciado pela Igreja Católica no século XIII, com a reorganização do rito da confissão e a instituição do exame de consciência e direção espiritual. Tal processo, colocando em questão as idéias de liberdade e igualdade, acaba recolocando a questão de gênero: “O que diferenciaria homens de mulheres?”, e “Por que não, estender também às mulheres a experiência da liberdade?”.

É no espaço social dos salões franceses e ingleses do século XVIII, que tal discussão transcorreria dando origem a um modo de vida que, ao longo do século, também seria, em parte, adotado pelos setores populares das grandes cidades dos países mencionados. Epicentro da vida social mundana, intelectual e política destes países, os salões constituíram-se no “domínio das mulheres da classe dominante” dos mesmos. No restrito território social destes salões passou a vigorar uma ética sexual própria, onde a liberdade valia tanto para homens quanto para mulheres.

Esta ética constituía-se na aplicação prática da moral iluminista que questionava o estoicismo, tal como relido e disseminado pela Igreja Católica, no novo espaço dos salões “(...) muitas mulheres buscaram sucesso pessoal e intelectual, disputando com os homens

*territórios antes monopolizados por eles (...)*²¹. Para elas a maternidade parecia indigna, sendo percebida como obstáculo á disputa pelo prestígio que circulava neste novo espaço.

Na ausência de métodos contraceptivos eficazes, a rejeição à maternidade assumiria a forma de recusa da amamentação e dos primeiros cuidados com a criança, atividades então consideradas vulgares e típicas das camponesas. A conseqüência desta dupla rejeição consistia na entrega das crianças recém-nascidas a amas-de-leite que, com elas permaneciam até cerca de quatro ou cinco anos, configurando um tipo de abandono que, constituía-se num infanticídio disfarçado, mas tolerado ²².

Esse conjunto de valores disseminados pelo “mundanismo dos salões”, começaria a transformar-se a partir das últimas décadas do século XVIII, quando a criança passa a ser valorizada como objeto de amor e a maternidade a ser enaltecida, como parte de um novo modelo ideal de família. Tal ruptura teria tido Rousseau como principal ideólogo, integrando um processo de transmutação da filosofia iluminista centrado na “busca da natureza essencial do homem” ²³. O ideal de naturalidade e a busca da espontaneidade abririam desta forma, caminho ao “império dos sentimentos” que resultaria no Romantismo.

Rousseau desenvolveria suas reflexões acerca da família, da mulher e da criança no romance epistolar intitulado “A Nova Heloísa”, de 1761 e em “O Emílio”, de 1762. Em tais escritos o autor construiria “(...) a idéia da harmoniosa família nuclear burguesa, na qual o papel da mãe, bem como de sua simbiose com a criança na primeira infância, assumiria características totalmente inovadoras, enquanto o do pai seria o de (...) manter economicamente o grupo e, através dessa estrutura, o poder de chefe de família (...)”²⁴.

A atribuição deste destino à mulher, já havia sido feita anteriormente, a novidade, entretanto, estava no ardor com que Rousseau buscava demonstrar, não apenas que o mesmo era inexorável por estar inscrito nas leis da natureza, como ainda, que era venturoso e feliz. ²⁵. Nesta perspectiva, Júlia, a heroína “D’ A Nova Heloísa”, constituir-se-ia no primeiro modelo de mãe ideal do Ocidente Cristão, passível de identificação com “mulheres de carne e osso”.

²¹ Ibidem, p.57.

²² Ibidem, p.60.

²³ Ibidem, p.61.

²⁴ Ibidem, p.63.

²⁵ Ibidem, p.64.

O pensamento rousseauísta, de caráter secular, traria, portanto, contraditoriamente, consigo a chave para a resolução da contradição que retirava do mito de Maria, eficácia simbólica enquanto instrumento de sacralização e ideologização da maternidade humana. É nele que se encontram algumas das raízes do processo de idealização da maternidade realizado no âmbito do pensamento teológico-católico contemporâneo, exemplificado pela obra dos autores aqui tratados.

Referências Bibliográficas

Almeida, Angela Mendes de (1996). *Mães, esposas, concubinas e prostitutas*, Seropédica: EDUR.

Bergé, André (1968). *A Educação Sexual e Afetiva*, RJ: Agir, Coleção Família 2.

Heinemann, Uta Ranke (1996). *Eunucos pelo Reino de Deus, mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*, RJ: Record: Rosa dos Tempos.

Kelly, Gerald S. J. (1956). *Juventude, Sexo e Moral*, 3ª Ed., col.: Servir, Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora.

Viollet, Jean (1961). *Educação do pudor e do sentimento*, SP: Paulinas.

Recebido para publicação em agosto de 2011.

Aprovado para publicação em dezembro de 2011.